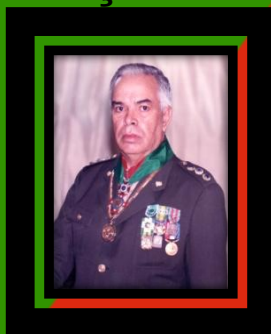


## GENERAL BENTO GONÇALVES DA SILVA (1788-1849)



Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento



### LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C. S. Renê com cores do Rio Grande do Sul de fundo, feita conforme orientação do autor.

## SUMÁRIO

Significação histórica	p.2
Naturalidade, ascendência e laços de família	p.3
Furriel de Auxiliares	p.4
Informante da Fronteira do Rio Grande	p.4
Capitão de Milícias contra Artigas	p.4
Atuação nas Guerras contra Artigas	p.5
Traços de seu perfil militar	p.6
Ação na Guerra Cispiatina 1825-28	p.9
Antecedentes da Revolução Farroupilha	p.10
Plano para início da Revolução Farroupilha	p.12
Execução do Plano	p.13
Reviravolta na Revolução	p.15
Prisão e fuga de Bento Gonçalves	p.16
Bento Gonçalves preso no Rio e Bahia	p.17
Bento Gonçalves na Presidência da República	p.18
Grande endividamento interno e externo	p.18
Duelo com o coronel Onofre Pires	p.20
Participação na Pacificação e Final	p.20
Bento Gonçalves da Silva renuncia à presidência da República	p.22
Bento Gonçalves e a paz	p.23
Currículo cultural sintético do Cel Claudio Moreira Bento em setembro de 2023	p.24

### Significação histórica

Prestou assinalados serviços militares preservação da Soberania e Integridade do Brasil nas Guerras de 1811-1812 (Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental); guerras contra Artigas 1816-17 e 1821, Guerra da Independência do Brasil na Cispiatina 1822-24 e Guerra Cisplatina 1825-28, na qual teve atuação destacada na proteção da junção do Exército do Sul, ao comando de Barbacena nas margens do arroio Lexington, em 5 de fevereiro de 1827, manobra considerada “obra-prima de estratégia”.<sup>2</sup> E, além, na Batalha de Passo do Rosário, em 20 de fevereiro, no comando da 2ª Brigada de Cavalaria.<sup>3</sup>

Por isso Bento Gonçalves atingiu a condição de coronel de EstadoMaiór da linha do Exército Imperial.

Na Revolução Farroupilha foi o seu líder político-militar, tendo sido eleito Presidente da República Rio-Grandense e seu segundo general, mesmo preso, no Rio.

Foi um grande estudioso de História Militar Romana e da Revolução Francesa de onde tirou muitas inspirações para a sua atuação militar, circunstâncias que compensavam não haver cursado a Academia Real Militar do Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro. Em reconhecimento a seus serviços foi condecorado com a medalha da Campanha 1816-1821 contra Artigas e com as ordens de Cristo e da Rosa.

Para Arthur Ferreira Filho, grande intérprete do heróico espírito militar do Rio Grande do Sul — “Bento Gonçalves da Silva foi o maior rio-grandense do período, herói autêntico, figura de romance e a encarnação das melhores virtudes de nossa raça.

Personagem sem contrastes, brilhou como sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se notabilizou pela superioridade moral de seus filhos.”<sup>4</sup>

Confirmar esta afirmação do mestre é obra de simples verificação, da ligação do nome do Cel Bento Gonçalves usada como denominação de uma cidade e ruas, além de patrono do Regimento de Cavalaria da histórica e briosa Brigada Militar do Rio Grande do Sul, dentre outras homenagens recebidas nos últimos 104 anos.

## Naturalidade, ascendência e laços de família

Bento nasceu em Triunfo-RS, na margem do Jacuí, em 23 de setembro de 1788, tendo passado sua infância na Estância da Piedade, próximo a Triunfo, que fora fundado por seus avós maternos. Foi o 10º filho do casal Alferes Joaquim Gonçalves da Silva e de Perpétua.

Pelo lado materno era neto do paulista de Guaratinguetá, Antônio Costa Barbosa, ebisneto do casal Jerônimo de Ornelas — o patriarca de Porto Alegre, que por esta razão foi chamado Porto de Ornelas, e de Lucrecia Leme Barbosa, também de Guaratinguetá, consanguínea do bandeirante Fernão Dias Pais Leme. Seu bisavô, Jerônimo, era da ilha da Madeira e descendente de fidalgos. Com ele Bento privou, em Triunfo, em sua infância, desde que Jerônimo se mudara de Porto Alegre para Triunfo, em 1762. O pai de

Bento que lutara na Guerra 1763-1766 comprou junto ao rio Camaquã as sesmarias do Cristal, do Cordeiro, do Duro, do Santo Antônio do Paraíso, e das Sobras. Atingiu o posto de capitão de Ordenanças, foi vereador, da Câmara de Porto Alegre, tesoureiro da Delegacia Fiscal, tendo servido de exemplo e conselheiro acatado para Bento Gonçalves até morrer.

Bento criou-se nas estâncias do rio Camaquã, tornando-se cedo um expoente nas lindes campeiras, a par de apreciável cultura absorvida sob a orientação do pai, um homem de largos horizontes como o provou seu currículo sintético. Bento, além de suas origens familiares distintas em São Paulo, na ilha da Madeira e Portugal, ligou-se por laços de família a diversas outras famílias distintas na parte Leste do Rio Grande. Eram seus parentes na Revolução Farroupilha entre outros, Araújo Ribeiro, Gomes Jardim (primo), Onofre Pires, Antunes Soares da Porciúncula, Florentino Souza Leite (de Canguçu) e Chico Pedro ou “Moringue”.

Serviu-lhe de padrinho de batismo o tenente Manoel Carvalho que levantou a tinicaplanta até hoje conhecida de Fortaleza, Santa Tecla, em Bagé, antes de ser arrasada em 1776. Seu padrinho foi também o primeiro sesmeiro das terras onde hoje se ergue a cidade de Pelotas.

De Triunfo, depois da expulsão dos espanhóis da Vila do Rio Grande, partiram muitos dos povoadores de Tapes, Camaquã, Encruzilhada do Sul, São Lourenço, Canguçu, Bagé, Jaguarão, Pelotas, regiões onde o II- der farrapo possuía muitos parentes e ainda os possui, como em Canguçu congregados na ADALEME — Associação dos Descendentes e Afins do Leme, cuja sede é o Distrito da Armada que mantém registros próprios.

## Furriel de Auxiliares

Na Campanha de Pacificação da Banda Oriental, 1811-12, integrou o Exército ao comando de D. Diogo de Souza. Assistiu à fundação de Bagé por D. Diogo e, de lá, aos 23 anos, escreveu ao pai “que tudo corre bem e que a experiência correspondia às minhas expectativas”, depois de apresentar-se, em 15 de julho de 1811.

Sua primeira missão militar será logística. Foi promovido a furriel de Auxiliares e colocado por D. Diogo, como Alcaide ou Juiz de Paz de Cerro Largo, ou Meio atual, para dali ajudar a suprir o Exército Pacificador, em operações.

Terminada a campanha se estabeleceu no local como comerciante. Ali conheceu sua futura esposa Caetana, filha de espanhol com uma riograndense de Povo Novo. Casou-se com Caetana, em 1814, com 26 anos. Em Cerro Largo trabalhou e estabeleceu largo círculo de amizades. Em Las Canas, afluente do rio Jaguarão, próximo à fronteira do Rio Grande, estabeleceu estância de criar e invernar gado. Com a esposa manteve modelar ligação, conforme correspondência disponível que não corresponde à falsa imagem de conquistador que a TV Bandeirantes vinculou em 2 de dezembro de 1985 no programa *Guerra dos Farrapos*.

## Informante da Fronteira do Rio Grande

Face à difícil situação no Prata, Bento Gonçalves tornou-se agente de informações, no Uruguai, para o célebre fronteiro Manuel Marques de Souza, comandante da Fronteira do Rio Grande, herói da expulsão dos espanhóis da Vila do Rio Grande, em 1? de abril de 1776, como Ajudante-de-Ordens, do General Böhn. E, assim, Bento enviou informes, posteriormente confirmados, alguns com riscos pessoais, sobre as movimentações de Artigas.

Mantendo comércio com o Brasil, foi atingido duramente por medidas decretadas por Artigas, no sentido de impedir passagem para o Brasil, de gado, couros e sebo da Cisplatina.

## Capitão de Milícias contra Artigas

Acreditando que outras medidas restritivas seriam adotadas, uniu-se ao mais tarde coronel de Milícias Albano de Oliveira Bueno, seu amigo e compadre, para o seguinte oferecimento, caso o Brasil invadisse a Cisplatina.

“Avisados com tempo, desarmariam a guarnição de Cerro Largo, tirando-lhe cavalos. Colocariam à disposição das tropas do Brasil 600 cavalos e reuniriam 60 homens armados, desertores e foragidos, desde que fossem perdoados ou anistiados.”

O coronel Albano era filho de um paulista de Guaratinguetá. Na Revolução Farroupilha se colocou do lado do Império. Preso em Pelotas, no combate de passo dos

egros, foi morto no arroio Velhaco pela escolta, não se sabe em que circunstâncias. A oferta foi aceita, mas as operações evoluíram.

Segundo interpretações dominantes, Bento foi eleito Juiz de Paz e Alcaide de Cerro Largo que foi invadida por artigueiros. Estes saquearam e incendiaram suas vendas.

Antes dessa ação, em carta ao pai Bento escreveu em 4 de setembro de 1816: “Estar estabelecido em Cerro Largo com negócios de fazendas e bebidas, haver comprado uma estância por 30 mil cruzados, com 12 mil de aviso, a qual possuía 15.000 reses, cavalos, carretas, escravos etc... e em dois anos pretendo estar livre de dívidas.”

Durante a guerra contra Artigas 1816-17, Bento iniciou sua carreira militar, com 28 anos, no posto de capitão de Milícias. Revelou então excepcional vocação militar, que o conduziu, 13 anos depois, à sua promoção a coronel de 1ª linha e de Estado-Maior. E, em 1836, decorridos 20 anos de vida militar, a general de República Rio-Grandense e Comandante-em-Chefe de seu Exército.

## Atuação nas Guerras contra Artigas

A partir de Cerro Largo apoiou logisticamente a Divisão de Voluntários Reais, que invadiu o Uruguai, ao comando de Lecor, pelo litoral, na qualidade de alcaide e juiz de paz.

Foi alvo de represália que destruiu e saqueou sua casa comercial. Obrigado a ir para o Sento do Jaguarão (Jaguarão atual) foi colocado à frente de uma guerrilha.

Em fevereiro de 1817 destruiu partida inimiga que saqueava Herval. Em 22 de abril de 1817, a partir de Encruzilhada do Sul, recrutou guerrilheiros de Encruzilhada, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Her vai e Jaguarão atuais para liderar a defesa móvel da Fronteira, no rio Jaguarão, depois de a medida ser aprovada pelo Marques de Souza (1), Comandante da Fronteira, em Rio Grande. Com esta tropa e o título de Comandante da Partida Volante da Fronteira de Jaguarão ingressou, em 22 de setembro de 1817, no serviço militar, em caráter oficial, através do ato do Marquês de Alegrete e que sintetizo:

“Ordem para organizar de novo a guerrilha do capitão Bento Gonçalves da Silva, com homens desde que não desertores, a partir de hoje. O ponto de

reunião deve ser ao sul do Jaguaro, na faixa entre Jaguarão e Bagé. Bento terá liberdade de interiorizar-se no Uruguai e lá praticar todas as hostilidades permitidas pelo direito de guerra.” Terminava dizendo que Bento “pelas provas de valor e lealdade, iria bem cumprir os deveres do bom português”.<sup>5</sup>

Dentro desse contexto Bento Gonçalves participou das seguintes ações: Em 1818 em Currales derrotou o oriental Moreira. Em 20 de julho de 1818, em Las Canas, derrotou e aprisionou Delgado. Em 6 de maio de 1815, em Cordovez bateu e aprisionou Ortoguez. Em 25 de julho de 1815, em Carumbé destruiu “Lopes Chico”. Em janeiro de 1820, no arroio Olimar, derrotou o coronel Aguiar.

Estava, pois, formado guerreiro, na Academia Militar dos Coxilhas da Fronteira do Vai e Vem <sup>6</sup> “vendo, tratando e pelejando”, segundo Camões.

## Traços de seu perfil militar

Sobre seu perfil militar escreveria mais tarde uma testemunha ocular na Revolução Farroupilha.<sup>7</sup>

“Foi o primeiro general da República, tanto pela tática militar, como pelo prestígio na Província do Rio Grande. Era um cidadão muito atencioso, prudente e valente como o mais valente dos generais do Exército (Rio-Grandense).

Era de boa estatura e bem feito de corpo. Tinha a cabeça pequena e redonda. Era a primeira espada da Província e tinha conhecimento da História Romana.”

Noutra oportunidade o mesmo depoente o definiu melhor ainda:<sup>8</sup>

“Bento Gonçalves era um homem prudente, não só frente ao inimigo e também no círculo de seus amigos. Em combate ele era o primeiro visado pelo inimigo. Sabia o momento de atacar e vencer, bem como o da retirada, quando julgada conveniente. Era um homem popular e apreciado. Era bem apessoado, mais alto do que baixo. Possuía ombros largos e corpo bem desembaraçado e flexível. Era bonito de rosto e simpático. Era uma das primeiras espadas do seu tempo. Desconhecia homem que lhe impusesse condições. Por tudo, o povo o seguia como se fora ele a alma dos rio-grandenses... Ele era símbolo de Liberdade, como João Antônio Silveira era o da Prudência.

Era um perfeito patriota! Possuía predicados desconhecidos pelo homem normal. Não era um homem de cultura comum. Era ilustrado e dava-se muito à leitura de obras de peso.”

Aqui ressalta a importância da cultura geral do líder e especialmente em História Romana. Esta, fonte e inspiração de sua cultura militar notável.

Morivalde Calvet em estudo sobre o líder farrapo apresentou os dados a seguir: Bento Gonçalves foi mestre consumado de todos os esportes

campeiros. Sobre ele escreveu Garibaldi:

“Bento Gonçalves cavaleiro errante do ciclo de Carlos Magno, irmão pela alma dos Olivérios e Rolandos, vigoroso, leal, ágil como eles. Era um verdadeiro centauro, manejando um cavalo como eu nunca vi ser manejado, senão por outro gaúcho rio-grandense, o general Neto.”

Penso que esta circunstância por si só naquele tempo assegurara o *status* de ídolo popular a Bento Gonçalves.

Sobre sua rusticidade atesta a sua alimentação diária em campanha, “churrasco e água pura” — frugalidade espartana.

Francisco Sá Brito, ex-ministro farrapo em *Memória da Guerra dos Farrapos*, concluída em 1875 em que pese reservas a Bento Gonçalves sobre ele escreveu:

“Devo aqui fazer justiça ao nobre caráter e suma bondade do chefe da Revolução. Se estudos regulares ornassem seu espírito para os quais tinha uma imensa agilidade, esta condição somada ao seu caráter enérgico quão generoso e vistas elevadas e perspicazes teria feito dele um homem destinado para grandes, gloriosos e proveitosos feitos.” E o testemunho de um jurista que estudou em Coimbra e São Paulo de 1826-32 e foi jornalista de o *Echo Portoalegrense* e o *Continentista* e a quem Bento Gonçalves chamou após a vitória de 20 de setembro para dizer-lhe e a outros civis revolucionários:

“A força já fez o que lhe cumpria fazer. Agora compete aos senhores, com pessoas inteligentes, encaminhar a governança do país.”

Foi ainda numa assembleia presidida por Sá Brito e secretariada por José Mariano de Mattos que Bento Gonçalves deu prova eloqüente de sua grandeza de espírito e autoridade moral.

Tratava-se de uma manobra revanchista liderada por Pedro Boticário, como Juiz de Paz. Inicialmente foram relacionados 400 nomes de adversários, em maioria portugueses, que deveriam ser deportados. Entregue esta relação a uma comissão ela reduziu o número a 140 depois de três dias. Mais dois dias de estudo ficou reduzida a 40 nomes. Ao Bento Gonçalves retornar de Rio Grande foi-lhe apresentada. Ele a leu calmamente. Etranqüilo e serenamente a atirou embaixo da mesa e disse a todos os presentes: “— Isto não tem lugar! Passemos ao próximo assunto!” E ninguém voltou com o projeto revanchista. Bento Gonçalves havia retornado de Rio Grande onde depois de obter a adesão de sua Câmara fez proclamação aos seus companheiros recomendando:

“Usai a moderação depois do triunfo, O menor insulto às pessoas e bens de vossos inimigos será uma mancha em vossa glória.”

O seu conceito nacional foi assim interpretado por Evaristo da Veiga na *Aurora Fluminense*, o que dificulta negar a sua condição de ídolo e herói

popular do Rio Grande com projeção nacional alegada por alguns estudiosos.

“O coronel Bento Gonçalves da Silva tem por seu valor adquirido um nome brasileiro (projeção nacional): Valente defensor de sua Pátria contra o inimigo estrangeiro, por sua probidade, coragem e retidão conquistou entre os povos da fronteira do Rio Grande, onde mora, um tal conceito que por seu nome toda aquela população se move para o combate, certa de que marcha para a vitória e de que possuem um chefe leal e um brioso companheiro de armas.”

Repare-se as expressões probidade, retidão reconhecidas pela imprensa da Capital do Império.

Depoimento dos que com ele conviveram referem a sua religiosidade equilibrada, sincera, sem fanatismo e a sua simplicidade no vestir, quase sempre à paisana com uma jaqueta de brim. Nunca usando fardão com medalhas e condecorações que possuía. Quando era impositivo fardar-se envergava jaqueta de pano azul da Cavalaria ou verdeda Infantaria, conforme tivesse que homenagear uma ou outra, e sem insígnias. Segundo se conclui de Fontoura em seu *Diii rio*, Bento Gonçalves durante as marchas noturnas e acampamentos dava assistência cerrada a tropa, percorrendo todos os grupos comunicando e convencendo seus soldados de seus projetos.

Segundo se conclui de Wiedrsphan ao biografá-lo assim escreveram sobre Bento Gonçalves seus superiores nas guerras contra Artigas:

“Muito desembaraçado e prestimoso para o serviço desta campanha (uruguaia) em que é sumamente prático (Marques de Souza, Comandante da Fronteira do Rio Grande). “Subordinado ativíssimo e valoroso” (Do Ajudante-de-Ordens do Marques de Alegrete). “Prestou relevantes serviços. E valente” (Conde da Figueira).<sup>9</sup>

Compõe seu perfil militar e atesta seus serviços, decreto de 24 de janeiro de 1834 de Regência que lhe concedeu pensão de 1.200\$000 réis anual.<sup>10</sup>

“Atendendo aos relevantes serviços que tem prestado por longos anos nas trabalhosas campanhas do Sul, onde sacrificou toda sua fortuna, a maior parte dela despendida ao serviço da Pátria e, tomando em consideração que esse benemérito oficial, possuindo fazendas no Estado Oriental, as abandonou ao inimigo que corajosamente debelara, desprezando seus convites (ofertas) *com brio e honra, o que lhe é próprio*, portando-se em todo o tempo com a maior firmeza de caráter, amor e adesão à Independência do Império, à sua Constituição e ao Sr. D. Pedro II, tendo sempre, em maior conta, o serviço da Nação, do que a sua numerosa família, que com ele passara as maiores privações.”

E reconhecendo a Regência que estes serviços tão importantes, até então não foram premiados ou compensados, foi-lhe concedida a pensão que foi aprovada pela Assembléia.

Quando Bento Gonçalves foi promovido general da República, em 12 de novembro de 1836, a justificativa da República Rio-Grandense escudou-se no seguinte argumento que compõe seu perfil militar:

“Por merecimento, valor, acrisolado patriotismo, perfcia militar e relevantes serviçosprestados à causa da liberdade rio-grandense.””

Caldeira ao comparar Bento e Netto diz que o primeiro sabia combinar as três armas e que Netto não, pois só sabia empregar Cavalaria.<sup>12</sup>

Domingos José de Almeida que conviveu intimamente com Bento Gonçalves assimtraçou seu perfil por volta de 1850:

“Aprendeu apenas as primeiras letras. Sendo criado no exercício do campo, se fez insigne cavaleiro. Era de estatura ordinária e proporcionada, mas dotado de força e destro(hábil) no manejo de diversas armas. Era de fisionomia regular e simpática e muito popular. Cultivou com grande assiduidade seu grande talento no estudo da História. Principalmente sobre a vida dos grandes homens, dos quais sempre trazia alguns casos em suas conversações particulares.”

Vê-se que foi um autodidata. Outro contemporâneo refere aos estudos de Bento Gonçalves de História Romana. Em correspondência ele referiu a personagens da História Romana e da Revolução Francesa. Aí estão algumas de suas inspirações.

Almeida confirmou noutra oportunidade o que afirmara. Escreveu que Bento Gonçalves iniciou a vida como furriel de Auxiliares em 1811-1816 e, o mais importante:

“Que era um homem incapaz de dirigir uma revolução porque seu coração de mulher (bondoso) estava sempre em luta com seu espírito forte e superior a todas as vicissitudes.

Depois de afirmar que seu “coração bondoso predominava a maior parte das vezes sobre o seu espírito forte e resoluto” concluiu que as decisões de Bento Gonçalves “eram sempre rápidas e enérgicas”, seja sobre influência da bondade ou de seu espírito forte e superior.<sup>13</sup>

## Ação na Guerra Cisplatina 1825-28

Bento Gonçalves saiu major de Milícias na guerra contra Artigas. Participou ativamente, em Serro Largo, da incorporação do Uruguai e do dispositivo militar que consolidou, em Montevideú, a Independência do Brasil, na Província Cisplatina.

Desde de 1824, Bento Gonçalves, tenente-coronel de Milícia radicado em Serro Largo, passou a comandar, dali, aquela Fronteira, com apoio no Regimento de Cavalaria de Milícias que organizou, com sede em Jaguarão. Regimento que com a criação do Exército Brasileiro, em 1º de dezembro de

1824, passou a ser o 39º Regimento de Cavalaria de 2ª Linha a seu comando.

Antes de irromper a guerra Cisplatina, Bento Gonçalves já havia vendido sua estância Leonche, em Serro Largo. Mudou então sua família para estância do Cristal, junto ao rio Camaquã, hoje, sede do Parque Histórico Bento Gonçalves.

Em 12 de outubro de 1825, aniversário de D. Pedro I, Bento Gonçalves foi promovido a coronel no mesmo dia em que, na Cisplatina, no combate de Sarandi, conhecia o sabor da derrota, ao comando do coronel Bento Manuel Ribeiro.

Em 24 de maio de 1827, no Passo São Diogo, bateu força argentina. Em 22 de junho seguinte, na Estância do Seço, bateu destacamento do general La Valie.

Por ocasião das marchas estratégicas dos Exércitos do Brasil, ao comando do Marquês de Barbacena e o republicano, ao comando de Aivear, para a Batalha do Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827 e, nesta histórica batalha, teve papel de relevo no comando da 2ª Brigada de Cavalaria.<sup>14</sup>

Inicialmente cobrindo o flanco, a partir de Jaguarão, da coluna do general Brown que de Pelotas rumou para operar junção com Barbacena que marchava desde Santana, protegida no flanco direito por Bento Manuel.

Depois, protegeu a homérica transposição do Camaquã-Chico, da coluna de Barbacena, quando impediu a interferência de Alvear. Proteção decisiva para o Exército do Sul operar junção em região de serra, no arroio Lexiguana. Posição interposta entre Alvear e os principais centros gaúchos da época.

Finalmente, na Batalha de encontro de Passo do Rosário, na proteção do flanco direito do Exército, e cobertura da retirada estratégica para o Passo São Lourenço, no rio Jacuí, para fugir ao incêndio, conforme estudamos na revista a *Defesa Nacional*.<sup>15</sup>

## Antecedentes da Revolução Farroupilha

Em 1825 Bento Gonçalves foi promovido a coronel de 1ª Linha e Estado-Maior, cabendo-lhe o comando da Fronteira do Jaguarão, entre Rio Grande e o Jaguarão e da unidade de 1ª Linha — o 4º Regimento de Cavalaria, com parada em Jaguarão (Serrito), não confundir com Serrito do Piratini (Vila Freire). O espírito liberal gaúcho tendia para o ideal de república-federativa, desde 1889 uma realidade no Brasil. Idéias propagadas no século 19 e que se projetaram no Brasil e no espírito da revolução, conforme estuda Calvet Fagundes, no fundamento instrumento de trabalho *A Maçonaria e as forças secretas da Revolução*,<sup>16</sup> que não pode ser desconhecido do historiador político, ao tratar do século citado, tão marcado pela influência da Maçonaria. Isto, sob pena de incorrer em falsas visões e interpretações. Bento Gonçalves passou por suas qualidades a impor-se como líder e a catalisar o espírito rio-

grandense. Este inconformado através de lideranças de charqueadores e estanceiros: Com os exorbitantes impostos sobre o charque, couro e légua do campo; alta taxa de importação do sai de Cadiz para as charqueadas; fechamento da fronteira, ao ingresso de gado uruguaio no Brasil, depois liberado com pesados impostos; não protecionismo do charque gaúcho, nos portos do Brasil, onde não podia concorrer com o charque uruguaio. Esta situação depois da guerra Cispiatina 1825- 28, em que os campos gaúchos foram alados pelo invasor e pelo Exército Imperial, não fazia justiça aos rio-grandenses e, inclusive, a chefes militares locais, que foram preteridos no comando do Exército do Sul.

A República Federativa, vitoriosa no Prata, muito influiu no ânimo de muitos rio- grandenses, segundo se conclui de Ferreira Filho.<sup>17</sup> Ela era uma alternativa válida dentro daquele quadro de discriminação do Sudeste com o Sul, após a Independência.

Bento Gonçalves, inclusive, fora duramente atingido pelas medidas econômicas adotadas pelo Império sob a forma de impostos e protecionismo ao charque uruguaio.

Nas guerras contra Artigas perdera suas propriedades na Cispiatina. Ao tentar recuperar-se financeiramente, na estância do Cristal, em Camaquã, uma situação fiscal adversa que provocou recessão da economia gaúcha, o colheu em cheio, como outros no seu caso.

Na guerra Cispiatina 1825-28, inúmeros estancieiros que sofreram prejuízos não foram indenizados pelo Império. Tiveram seus campos talados pelos exércitos em luta.

A Revolução de 7 de abril de 1831, que depôs D. Pedro I, pareceu a primeira vista que traria em sua esteira consequências benéficas a aflitiva situação dos rio-grandenses. Bento Gonçalves mantinha, na fronteira, ligações com Lavaleja e outros líderes, através de canais maçônicos.

Denunciado na Corte, foi chamado ao Rio, onde foi defendido pelo major João Manuel de Lima e Silva, junto ao seu irmão regente — Francisco, pai do futuro Duque de Caxias. Bento Gonçalves retornou depois de contato pelos canais maçônicos, segundo Calvet Fagundes<sup>18</sup> com diversos liberais, inclusive com Evaristo da Veiga, jornalista de *A Aurora Fluminense*.

Com o Ato Adicional, de 12 de agosto de 1834, foram eleitos para a Assembléia Legislativa do Rio Grande que foi instalada em 12 de abril de 1835, cinco meses antes da Revolução Farroupilha, entre outros liberais, os seguintes oficiais da 1 Linha do Exército: Bento Gonçalves, Bento Manoel, José Mariano de Mattos e José Pinheiro de Ulhoa Cintra (Suplente) desgostosos com a discriminação ao Exército, desde 7 de abril de 1831. Em reunião da Assembléia, o Presidente da Província acusou nominalmente BentoGonçalves:

“De combinação com Lavaleja e seu mentor o padre Antônio Cal- das e, ambos, em território do Brasil, estarem trabalhando para separar o Rio

Grande do Império e federá-lo ao Uruguai.”

O padre Antônio Caldas era alagoano, constituinte de 1824, que, preso na Fortaleza de Santa Cruz, dela fugiu e foi acolhido pelos líderes argentinos e uruguaios em nome da Maçonaria, conforme estudamos na *Revista do Museu do Açúcar*.<sup>19</sup>

Esta atitude acendeu a fogueira. Bento recolheu-se à sua estância no Cristal. Em Alegrete, Bento Manuel Ribeiro foi substituído no comando da Fronteira. A fogueira aumentou com a lenha lançada pelo incidente major João Manoel de Lima e Silva x Visconde de Camamu, major Egídio Barbuda Gordilho. Camamu acusou falsamente João Manoel pelo jornal. Este processou Camamu que foi condenado à prisão comum. O irmão do Presidente da Província, Pedro Chaves, tentou relaxar a prisão. Aí entrou em cena o advogado português Pedro Boticário, que conseguiu, derrotando o Presidente e seu irmão, que Camamu fosse entregue e recolhido à prisão comum.

Disto tudo concluiu Ferreira Filho, que a Revolução Farroupilha estourou, graças, em grande parte, à intolerância de alguns governantes. Entre estes se encontrava o Marechal Sebastião Barreto, comandante das Armas (inimigo do marechal José de Abreu que morreu em Passo do Rosário), e que votava ódio a Bento Gonçalves.<sup>20</sup>

## Plano para início da Revolução Farroupilha

Bento Gonçalves, como Comandante Superior da Guarda Nacional da Província, cujos principais líderes eram estancieiros e charqueadores (sendo que muitos seus parentes e amigos), desenvolveram o seguinte plano militar, que com apoio em Alfredo Varela procuro interpretar e sintetizar:<sup>21</sup>

Finalidade: Derrubar o Governo da Província, representado pelo Presidente e seu suporte militar o Comandante das Armas e o Comandante da Fronteira do Jaguarão e assumir o controle político-militar de toda a Província.

Objetivos:

— Conquistar Porto Alegre e derrubar o Governo da Província substituindo-o por um revolucionário.

— Neutralizar as ações do Comandante-das-Armas e do Comandante da Fronteira do Jaguarão (cargo do qual Bento Gonçalves fora demitido pelo Comandante-das-Armas desde 30 de dezembro de 1834), na oportunidade em que eles se encontravam tratando de interesses particulares, em suas estâncias.

— Conquistar o controle de Alegrete, São Borja, Cruz Alta e respectivas áreas de influência, sob a liderança de Bento Manoel e com o concurso do 8º BC de Linha de São Borja, ao comando do major João Manoel de Lima e Silva (tio de Caxias), e irmão do Ministro da Guerra.

— Conquistar o controle político-militar das seguintes localidades, além de Alegrete: Jaguarão, Bagé, São Gabriel na fronteira com o Uruguai e, mais a retaguarda — Herval, Canguçu e Piratini, na Serra dos Tapes e Encruzilhada e Caçapava, na Serra do Herval; no corte do Jacuí, Rio Pardo, importante centro provincial e Cachoeira e Triunfo; em torno de Rio Grande, ao Sul, Povo Novo (terra de Netto) e ao norte Mostardas e Estreito e, em torno de Porto Alegre, Guaíba (na época Pedras Brancas), Viamão e Santo Antônio da Patrulha.

Não foram incluídas Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, São José do Norte e a Colônia de São Leopoldo, núcleos sob controle dos imperiais, bem como Herval.

Bento Gonçalves contava com o apoio das unidades de linha do Jaguarão, Bagé, São Gabriel, Rio Pardo e São Borja, pois, dois comandantes delas, João Manoel de Lima e Silva e José Mariano de Mattos, estavam comprometidos com a Revolução. Eram os únicos com curso na Academia Real Militar do Largo de São Francisco, no Rio.

No dia do início da Revolução julgava-se Bento Gonçalves distante e em licença em Entre-Rios. Mas ele encontrava-se em seu QG revolucionário, em Guaíba (Pedras Brancas), acolhido na casa do primo Gomes Jardim, dando os últimos retoques e instruções para que o movimento fosse simultâneo. Sua última instrução foi dirigida a Canguçu, para seu amigo e parente Florentino Souza Leite. Dali ele poderia acompanhar o lance decisivo — a conquista de Porto Alegre.

## Execução do Plano

Em 19 de setembro de 1835, forças ao comando dos parentes de Bento Gonçalves, Onofre Pires e Gomes Jardim, cerram sobre Porto Alegre. Onofre, depois de concentrar, em Viamão, elementos locais de Osório, Santo Antônio e Gravataí atuais. Gomes Jardim depois de atravessar o Guaíba, com elementos que reuniu em Pedras Brancas (Guaíba).

Onofre Pires, mais tarde morto em duelo com Bento Gonçalves, coube dirigir a ação, a partir de posições hoje ocupadas pelos cemitérios, junto a ponte da Azenha (ponte do moinho).

O ataque teve lugar à noite, com vantagens para os revolucionários que penetraram em 20, no perímetro, sem reação, com adesão da Guarda Nacional e reforço de cerca de 300 homens do capitão Manuel Antunes de Porciúncula (concunhado de Bento), que este propusera para comanda os Permanentes antes de 30 de novembro, no que foi recusado pelo Presidente Braga. Aumentada a pressão, a Polícia (Corpo de Permanentes) desertou. O Presidente Braga procurou reagir no Arsenal de Guerra.

No desamparo, embarcou na escuna “Rio-Grandense” e rumou para Pelotas à procura de apoio. Lá prendeu, sob suspeita de querer atuar sobre ele, o mineiro Domingos José de Almeida, que transportou preso para Rio Grande, soltando-o, somente, quando vitoriosa a Revolução, embarcou forçado para o Rio de Janeiro.

Em todos os outros lugares a revolução impôs-se, sem resistência, à exceção dos seguintes:

Rio Pardo resistiu até 30 de setembro, sob a liderança do marechal João de Deus Mena Barreto. Capitulou na presença de Bento Gonçalves e com reforços da Guarda Nacional, de Cachoeira e Triunfo.

Em São Gabriel houve resistência até 4 de outubro de 1835, quando o 3º Regimento de Cavalaria de Linha aderiu à revolução, ali liderada pelo tenente-coronel e mais tarde general farrapo João Antônio da Silveira.

São Gabriel revolucionária, dissuadiu a reação do Comandante das Armas, seguida do seu internamento no Uruguai, ao ver, em Batovi, o 2º RC de Linha de Bagé aderir à Revolução. Foi substituído na função, pela revolução vitoriosa, pelo coronel Bento Manoel Ribeiro, seu desafeto.

A reação mais forte foi, em Herval, do tenente-coronel João da Silva Tavares, que passou a dominar a área entre o Jaguarão e Pelotas com um grupo de homens de sua família.

Lançou-se contra o capitão Domingos Crescêncio de Carvalho, que havia aderido à revolução com o 4º RC de 1ª Linha, de Jaguarão, obrigando-o a emigrar. Mais tarde, em 16 de outubro, o capitão Crescêncio bateu Silva Tavares, no Retiro, no arroio Pelotas, junto a Pelotas atual.

O major Manuel Marques de Souza protegida Pelotas que reagia à revolução por ter sido muito prestigiada pelo Presidente Braga que a elevou à cidade com o nome de Pelotas.

A Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre, coube a última reação, ao vencer, em 14 de outubro de 1835, no arroio da Várzea, próximo a Pelotas, o capitão Manuel Antunes de Porciúncula.

Bento Gonçalves decidiu numa ampla manobra estratégica, submeter ao mesmo tempo Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. Enviou Onofre Pires, a partir de Porto Alegre, contra São José do Norte, para servir de bigorna ao papel que ele faria de martelo, para submeter Rio Grande, abrigo do Presidente Braga deposto.

Assim, a partir de Porto Alegre, através de passo da Armada, no Camaquã, depois de reunir recursos em Camaquã, Encruzilhada, Canguçu e Pelotas ocupou esta cidade forte de 400 homens, forçando a que sua Câmara reconhecesse o Governo Revolucionário em 15 de outubro.

A seguir transpôs o Passo dos Negros, no São Gonçalo. Em 20 de outubro cercou Rio Grande. Rendido, sem condições de resistência, o Presidente Braga deixou Rio Grande, em 23 de outubro, depois da Câmara local reconhecer o Governo Revolucionário, bem como a de São José do Norte.

Com o reconhecimento do Governo Revolucionário pelas câmaras de

Pelotas, Rio Grande e São José do Norte coroava-se do êxito o plano revolucionário farrapo.

Bento Manoel assumiu o Comando-das-Armas. Os 8º BC de Lima e Silva e 1º Corpo de Artilharia a Cavalos retornaram de São Borja e Rio Pardo para o esquema de segurança do Governo Revolucionário, em Porto Alegre.

Assim, em cerca de 1 mês, a Revolução Farroupilha havia dominado e empolgado todo o Rio Grande do Sul e, particularmente, seus mais importantes e estratégicos pontos: Rio Grande, Porto Alegre e Rio Pardo e com apoio das cinco unidades de Linha: 3 Regimentos de Cavalaria (Jaguarão, Bagé e São Gabriel), batalhão de Caçadores e 1 Corpo de Artilharia a Cavalos, a mais importante guarnição do Exército.

Fora do Rio Grande estavam os maiores obstáculos e causa próxima da Revolução: O Presidente Braga e o marechal Sebastião Tavares e Silva Tavares.

Toda esta trama liberal republicana é explicada por Morivalde Calvet Fagundes na obra *A Maçonaria e as forças secretas da revolução*, instrumento de trabalho fundamental ao historiador do século XIX, em geral repetimos.

## Reviravolta na Revolução

Depois de consolidada a Revolução com o domínio de todo o Rio Grande do Sul de então, o quadro vai alterar-se substancialmente, a partir da posse, em janeiro de 1836, do novo Presidente Araújo Ribeiro, em Rio Grande. Contou com o coronel Bento Manuel Ribeiro para lutar pelos imperiais, o que se deu (dezembro de 1835 a março de 1837).

Por uma hábil e incruenta manobra política, a estratégica cidade do Rio Grande voltou definitivamente ao Império, junto com São José do Norte. Serviu para o Império ali estabelecer inexpugnável base terrestre e naval, aberta a reforços de toda a natureza e protegida pelo canal São Gonçalo.

No afã de conquistá-la, a partir de Pelotas e de impedir Bento Manuel de socorrê-la, Porto Alegre foi reconquistada em definitivo em 15 de junho de 1836, com a prisão de 36 líderes revolucionários. Este fato fez abortar a idéia de reconquistar Rio Grande e criou condições de apoio mútuo de Porto Alegre e Rio Grande, através das forças navais que em pouco dominaram toda a navegação interior do Rio Grande (23 de agosto de 1836).

Este fato veio agravar-se ainda mais quando Bento Gonçalves caiu numa armadilha preparada por Bento Manuel e Greenfel na ilha do Fanfa, quando retirava-se do sítio de Porto Alegre, ao atravessar o rio. Isto por insistência imprudente de Onofre Pires, desde então seu inimigo, ao ser criticado por ele Bento.

Estas circunstâncias adversas foram amenizadas com a vitória de Netto,

em Seival, em 10 de setembro de 1835, seguida da Proclamação da República no dia seguinte, no Campo do Menezes.

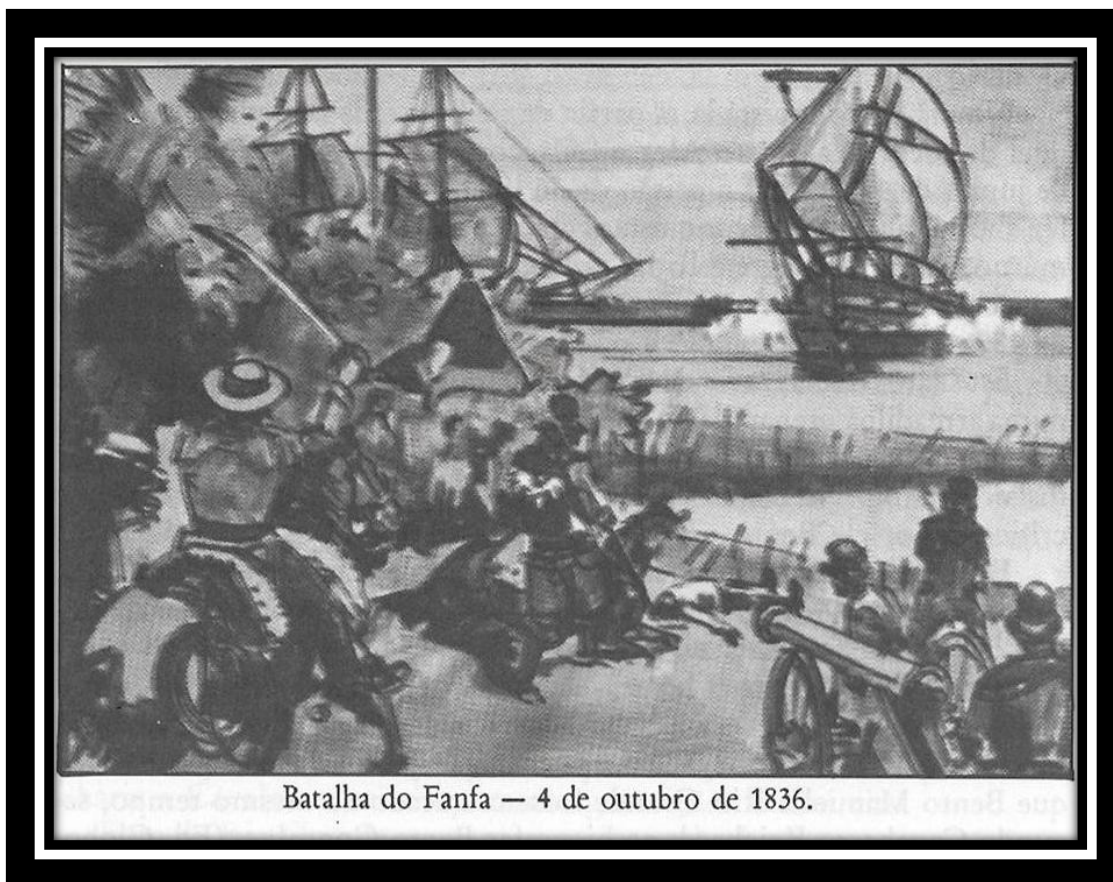
Bento Gonçalves fora favorável a bater por partes o adversário. Primeiro Bento Manuel, depois conquistar Rio Grande e, finalmente, Silva Tavares. Mas teria sido vencido pelo major João Manoel que decidiu que Bento Manuel e Rio Grande fossem atacado ao mesmo tempo, segundo Canabarro Reichardt ao biografar Bento Gonçalves (Ed. Globo, 1933).

## Prisão e fuga de Bento Gonçalves

Em 4 de outubro de 1836, Bento Gonçalves foi obrigado a render-se em aceitar as condições que lhe foram oferecidas. Elas implicavam na cessação da Revolução. Ele, ferido a bala desde Viamão. Foram presos com ele, Onofre Pires e o Conde Tito Livio Zambecari. Bento Gonçalves e os demais foram levados para o Rio, para a Fortaleza de Santa Cruz. Ali já se encontravam vários aprisionados em Porto Alegre, quando esta foi tomada pelo Império.

Bento Gonçalves recriminou Onofre Pires como o responsável, pelo peso de sua opinião, pela armadilha da ilha do Fanfa. Teve com ele uma discussão, ao ponto de quase irem às vias de fato, não fora a intervenção de Greenfel, segundo testemunhou Caldeira.

Esta inimizade se acentuou em Alegrete. Isto quando Onofre Pires integrou minoria opositora na Assembléia Constituinte, instalada em 1º de dezembro de 1842, em Alegrete, que provocou a renúncia tempos depois de Bento Gonçalves à Presidência e ao Comando-em-Chefe. Ela foi terminada em 27 de fevereiro de 1844, em duelo a espada entre Bento e Onofre, em que o primeiro levou vantagem e feriu mortalmente Onofre. Este em razão do ferimento gangrenar veio a morrer, quatro dias depois, em 3 de março de 1844. Tudo por haver se deixado, cego pela paixão, ser manipulado por um grupo, que nem sequer prestou-lhe assistência nos seus últimos momentos. Quando Bento Gonçalves retornou da Bahia de onde fugira, Onofre Pires recusou a entregar o Comando do sítio de Porto Alegre a ele, conforme registra Caldeira, em seus "Apontamentos".



Batalha do Fanfa — 4 de outubro de 1836.

Bento, Onofre e Zambecari foram levados ao Rio, à Fortaleza de Santa Cruz, para fazerem companhia aos presos, em Porto Alegre, e mais Corte Real, preso em combate por Bento Manuel, no Passo do Rosário.

### Bento Gonçalves preso no Rio e Bahia

Bento partiu consciente de que o vácuo de poder gerado com a prisão e dos demais, com a queda de Porto Alegre, tinha sido preenchido com a Proclamação da República por Netto.

Em 15 de março de 1837, falhou sua fuga da Fortaleza Lage, em solidariedade a Pedro Boticário que, por ser gordo, não conseguiu passar por uma janela. Melhor sorte tiveram Corte Real e Onofre. Bento foi transportado para Bahia e preso no Forte do Mar. Comandava o navio, o mais tarde Visconde de Inhaúma, herói da Guerra do Paraguai.

Em 10 de setembro de 1837, decorridos 13 dias preso na Bahia, Bento, com auxílio da Maçonaria evadiuse do Forte do Mar em operação dirigida pelo tenente-coronel Francisco José da Rocha. Este, mais tarde, no Rio Grande, terá um incidente com o general Bento Manuel. Este, em consequência, abandonará a causa republicana para uma longa neutralidade (18 de julho de 1839 a 9 de novembro de 1842). Isto por alegar ter sido desprestigiado com a promoção do citado oficial, em que pese as satisfações dadas por Bento Gonçalves a ele de não haver aquela intenção.

A fuga foi desvendada por Pedro Calmon e assim sintetizo: Do Forte Bento Gonçalves foi levado à ilha Itaparica. Foi embarcado num navio que transportava farinha para Pelotas e Montevidéu. Foi desembarcado em Florianópolis atual. Dali seguiu a cavalo, em companhia do catarinense Mateus. Em 3 de novembro de 1837, atingiu Torres e em 10 de novembro de 1837, Viamão (depois Setembrina) — Quartel-general do sítio ao Comando de Onofre Pires. Isto, decorridos 1 ano e 7 meses de sua prisão e dois meses de sua fuga da Bahia.

Ambas as prisões eram insalubres e desconfortáveis, conforme trecho de carta na qual Bento pedia “3 camisas, por estarem em frangalhos as suas, um capote por sentir frio à noite, pois só tinha um lençol para cobrir-se e um par de tamancos para poder passear na masmorra em que estava preso que é toda uma lagoa cheia de imundície e de péssimo cheiro”. Masmorra sob a muralha externa, com entrada de luz indireta pela porta de grade.

Estes fatos hoje fantasiados revelam o martírio do líder farrapo que chegou na Bahia, em 26 de agosto de 1837, conforme observou o *Jornal*, local apresentando “ar seco, aspecto melancólico e sisudo”.

## Bento Gonçalves na Presidência da República

Em Viamão, Bento reassumiu a Presidência e o Comando-em-Chefe do Exército, com a Revolução em melhores condições em que deixara. Onofre Pires apresentou-lhe reação em entregar-lhe o comando, conforme queixou-se Bento a Caldeira.<sup>24</sup>

Com o célebre incidente de Bento Manuel, prendendo o Presidenteda Província, em Itapevi, Alegrete, quando este ia prendá-lo, a causa republicana ganhara um novo alento.

No período de 23 de março de 1837 a 18 de julho de 1839 em que Bento Manuel lutou pelos farrapos, acrescido do período de neutralidade 15 de julho de 1839 a 8 de novembro de 1842, ou portanto durante 5 anos 7 meses e 16 dias, a República Rio-Grandense estruturou-se e se organizou melhor até 1840, quando começou a declinar, em razão do grande endividamento interno e externo.

Nessa fase, Bento Gonçalves atuou mais como político e diretor da guerra no campo estratégico, como Presidente e Comandante-em-Chefe do que comandante tático.

## Grande endividamento interno e externo

Depois de quase 5 anos de revolução a economia do Rio Grande a base da pecuária que a sustentava começou a apresentar sinais de exaustão e a crescer em demasia o endividamento externo e interno. Os créditos interno e externo se retraíram com reflexos no apoio logístico e administrativo ao Exército da República.

Surgiu oposição a Domingos José de Almeida que deixou a estrutura de apoio logístico que detinha como Ministro da Fazenda e Interior, cercado de acusações das mais injustas, segundo interpretações dominantes.

Os demônios das revoluções, as contradições, insatisfações, injustiças, calúnias, desejos divergentes, ambições incontrolláveis, frustrações, etc. foram soltos nos campos da República Rio-Grandense e substituídos pelo gado que sustentara a luta e as cavalhadas. Estas, agora desgastadas, eram a base da mobilidade farrapa e penhor para prolongamento da luta, e, assim, sobreviver e manter acesa a esperança de uma solução honrosa.

Em 1840 foi eleita a Assembléia Constituinte, em Alegrete, de 36 deputados. Liderou a maioria de 30, Domingos José de Almeida e a minoria de 6, Antônio Vicente da Fontoura, ambos inimigos: Fontoura é apoiado por Onofre Pires.

Foram sessões tumultuadas de 1º de dezembro de 1841 a 16 de fevereiro de 1842, quando ocorria a aproximação de Caxias de Alegrete.<sup>25</sup>

Foi inclusive apresentado um projeto de abolição da Escravatura, pelo coronel José Mariano de Matos, mas rejeitado.<sup>26</sup>

O Império através de seus agentes procurava minar e dividir os farrapos.

Antônio Fontoura é acusado de dividir para reinar, segundo se conclui de Morivalde Valvet Fagundes, ao custo da derrubada de Bento Gonçalves.<sup>27</sup>

Bento foi acusado de autor intelectual do assassinato do Vice-Presidente Antônio Paulo da Fontoura, caso rumoroso abordado pelos historiadores da Revolução.

Embora contando com o apoio da maioria, Bento Gonçalves renunciou em 4 de agosto de 1843, passando a Presidência a Gomes Jardim e o Comando-em-Chefe a David Canabarro.<sup>28</sup>



Piratini — Final do século XV, vendo-se em primeiro plano a sede do Governo da República Rio-grandense.

Foi lutar como comandante de Divisão. Ao passar o comando a Canabarro, referiu-se a este como “benemérito e fncilito rio-grandense”. Exortou a todos a reunirem-se em torno de tão virtuoso patriota, desse novo Fábio (Gomes Jardim), que pela segunda vez deixa a “charrua” (arado).

A renúncia teve lugar em Piratini, novamente capital desde março de 1843, depois de ter sido em Caçapava e Alegrete.

Nesta fase, Bento como comandante de Divisão, tomou parte dos dois combates de Canguçu, em 25/26 de outubro de 1843 (Pedras das Mentiras) e 6 de novembro de 1843 (Cerro do Ataque), ao lado do Cerro da Liberdade, na tentativa de lá desalojar Chico Pedro de Abreu, desde agosto, instalado em Canguçu com a Ala Esquerda do Exército de Caxia, conforme estudamos.<sup>29</sup>

## **Duelo com o coronel Onofre Pires**

Logo depois desses combates de Canguçu, terra de Teixeira Nunes e de Manoel Alves da Silva Caldeira,<sup>30</sup> Bento duelou com Onofre Pires, que morreu em 3 de março de 1844.

Em carta a Domingos de Almeida de 4 de março, Bento descreveu o duelo: “fim desastroso de Onofre, que fazia o papel de Santerre” (da Revolução Francesa) na minoria (liderada por Antônio de Fontoura) que o incitara “a provocar-me tão atrevidamente.., a paixão dominava a minoria e por isso, vendo aquele homem tão corpulento, o julgaram um gigante e eu um pigmeu.

— Enganaram-se e, depois, escondendo todos os rabos, se retiram de Onofre, ao ponto de não achar-se um só desses malvados a seu lado, ao menos na hora da morte. Que malvadeza!!! Eu lamento a sorte de Onofre, mas não tenho o menor remorso, porque obrei como verdadeiro homem de honra. Em tais casos obrarei sempre assim, não me importando com o tamanho nem com a fama da pessoa que se atreva a atacar a minha honra”.<sup>31</sup> Bento Gonçalves possuía 54 anos ou a desvantagem de 10 anos a mais que o corpulento e atlético Onofre Pires.

Escudado em imunidades parlamentares, Antônio da Fontoura acusa Bento Gonçalves de general sem sorte, que teve a infelicidade, como companheira de seus passos e operações. Só vencendo as batalhas de Setembrina, a retirada sobre Gravataí e ação de Arroio dos Ratos.

Onofre Pires entre outras acusações genéricas não provadas, assacou contra seu primo estas palavras — “Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade”.

## **Participação na Pacificação e Final**

Bento Gonçalves participou do encaminhamento da pacificação em Ponche Verde em 1845, cedendo face “um valor mais alto que se levantava” — a ameaça de Rosas da Argentina intervir em apoio ao Rio Grande do Sul, desequilibrando a balança para a causa republicana, contra o Império, o que o

Ministro da Justiça do Império, Marques do Paraná, percebeu e tratou de apressar a paz. Este personagem mineiro e muito conciliador era o modelo do Presidente Tancredo Neves.

Pobre, depois de haver perdido seus bens no Uruguai ao lutar contra Artigas 1816- 21, apoiar a Independência do Brasil e combater na Cisplatina (1825-28), Bento foi tentar refazer sua vida no Cristal, hoje Parque Histórico, em sua memória. Teve de pedir emprestadas 150 cabeças de gado. Foi recebido pelo Imperador em 10 de dezembro de 1845.

Em 18 de julho de 1849, vítima de pleurisia, veio a falecer em Guaíba (atual) na casa de Gomes Jardim. Local onde planejara e dera início à Revolução de 20 de setembro, marco inicial do processo revolucionário histórico rio-grandense, encerrado quase um século depois, ainda em Piratini, no combate de 20 de setembro de 1932, assinalado pela prisão do Dr. Borges de Medeiros e seu envio preso para Pernambuco, segundo Osório Santana Figueiredo.

Não fora a morte de Bento Gonçalves, seguramente o teríamos em campo, à frente de uma Divisão Brasileira, comandando seus coprovincianos na defesa da Integridade e da Soberania do Brasil, no Prata, contra Oribe e Rosas, como o fizera com destaque na invasão de Alvear.

É um herói nacional por sua contribuição civil e militar à implantação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, regime no qual vivemos há quase um século.

Ao leitor interessado, para um melhor julgamento do herói, recomendamos a leitura serena do *Diário* de Antônio Vicente da Fontoura<sup>32</sup> que ao perseguir de modo obsessivo e altamente meritório a Paz, tinha sido injusto com Bento Gonçalves e outros líderes em seus conceitos, desde que passou a liderar a minoria opositora a Bento, em 1841. Prestamo-lhe as homenagens que foram possíveis em 1985 — Sesquicentenário Farroupilha<sup>33</sup> e o programa *Guerra dos Farrapos* da TV Bandeirantes em dezembro de 1985, penso, distorceu a imagem sesquicentenária do herói<sup>34</sup> honrado e distinto chefe de família.

“Eu sou eu e as minhas circunstâncias” afirmou Ortega y Gasset. Bento Gonçalves tem de ser julgado e entendido nas circunstâncias que enfrentou. Circunstâncias que estudos recentes feitos com muita seriedade científica e competência por Décio Freitas, Sandra Jatthy Pesavento e Helga LI.. Piccolo<sup>35</sup> ajudam a bem entender a eclosão da Revolução Farroupilha que não poderia ter líder mais representativo do que Bento Gonçalves, que encarnou o espírito do Rio Grande do Sul. Trabalhos que ajudarão a redimi-lo de investidas sensacionalistas de distorções da imagem do herói ao tentarem apresentá-lo como herói ladrão ou um conquistador machista e ditador barato. Sabemos que não foi um Deus, que foi um homem normal com virtudes e defeitos, mas que correspondeu ao que dele esperaram os rio-grandenses e que dele fizeram, faz século e meio, seu vulto maior. E mais do que isto, é um herói do Exército Brasileiro por sua memorável e distinta atuação na Guerra Cisplatina em 1825-28. E aí estão eloqüentes as partes de combate atestando sua

significativa contribuição.

Spalding na Epopeia Farroupilha apresenta valiosos documentos de autoria de Bento Gonçalves entre os quais sua posição em relação à paz de Ponche Verde e a sua renúncia à Presidência a seguir transcritos:

## ANEXO 1

### *BENTO GONÇALVES DA SILVA RENUNCIA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA*

#### *PROGRAMAÇÃO\**

Rio-Grandense! A Monarquia Brasileira toca a meta de sua precária existência! A Liberdade está salva, e a nossa Independência pública firmada! O espírito público em nosso País pode ter sido algumas vezes comprimido; porém, animado como se acha por inspirações divinas, jamais será extinto. — Minhas enfermidades, que com o tempo mais se agravam, não permitem que eu continue a ter sobre meus ombros a responsabilidade inerente à primeiras magistratura do Estado, de que hoje faço entrega ao benemérito e ínclito Rio-Grandense, o Cidadão José Gomes de Vasconcelos Jardim; a esse mesmo patriota que já vos presidiu nas crises mais arriscadas por que tem atravessado a nossa Revolução; é ele, pois, o vosso legítimo Presidente, segundo a ata da política emancipação de nossa Pátria. Rio-Grandenses! Reuni-vos em torno de tão virtuoso patriota, desse nosso Fábio, que pela segunda vez deixa o arado para dirigir a nau do Estado ao porto em que nos aguarda a imortal glória, e por felicidade para nós e para nossos vindouros um laço fraterno ligue a todos os Continentinos, e a salvação da Pátria seja seu Norte. E não cuideis que exortando-vos para que fizésseis ao País os serviços que ele está reclamando de vós, me retiro à vida privada ou me entrego a um repreensível ócio; pelo contrário, na qualidade de soldado me vereis combater ao vosso lado contra esses mercenários que ousam talar nossos campos, e compartilhar todas as vossas fadigas enquanto minhas forças o consentirem, e até o último alento de minha vida.

Viva o Soberano Povo Rio-Grandense! Viva o Exmo. Presidente da  
República!

Vivam todos os Americanos Livres!

Estância do Contrato, 4 de agosto de 1843.

*Bento Gonçalves da Silva*

---

\* Transcrito de Spalding. **Epopeia Farroupilha**. Rio, Bibliex, 1963.

## ANEXO 2

### *BENTO GONÇAVES E A PAZ \*\**

Cidadão General.

Em observação a quanto ordenais em vosso ofício de 21 de janeiro ultimo, chamei a conselho os oficiais superiores da força de meu imediato mando para emitirem suas opiniões sobre a transcendente negociação entabulada com o Barão de axias, comandante-em-chefe do Exército Imperial, e pela Ata que aqui junto envio vereis o unânime acordo dos mesmos.

No dia 18 do corrente e marchei do Cristal no empenho de cumprir vossa ordem, depois de haver tomado as precisas medidas para a segurança daquela força, e chegando a Jaguarão no dia 19, uma inopinada constipação me privou de prosseguir a marcha a esse campo, e resolvi a ele mandar o cidadão Ismael Soares da Silva, seguindo o Exército Imperial a fim de ser informado do ponto que ocupais e estado da negociação pendente; ele acaba de regressar voltando do campo deste por saber que só aguardáveis minha chegada, e ser isto impossível segundo meu estado de saúde.

É pois de meu dever dirigir-vos esta para anunciar-vos quanto venho de responder e habilitar-vos com meu voto para conclusão de tão apetecido arranjo; minha opinião, Sr. General, é e será aquela que adote a maioria de meus irmãos de armas, sempre que esteja nas raías do justo e do honesto, e, ainda, mesmo, quando no caso vertente estes sagrados objetos deixem de ser observados, nem por isso serei capaz de a ela opor-me, tendo eu outros meios em semelhante caso para deixar ileso minha honra e consciência. A paz é indispensável fazer-se, o país altamente a reclama pois infelizmente vítima de nossos desacertos nada temos a lucrar com os azares da guerra; eu vejo, mau grado meu, que hoje não podemos conseguir vantagens que estejam em harmonia com nossos sacrifícios, por se ter, a despeito de meus incessantes conselhos, perdido a melhor quadra de negociar-se uma conciliação honrosa. Nada sei das condições em que se tenha a paz lavrado, e mesmo das instruções que conduziu o comissionado da Corte do Brasil, e sendo tudo para mim misterioso me abalanço a lembrar-vos que uma das primeiras condições deve ser o pleno esquecimento de todos os atos que individual ou coletivamente tenham praticado os Republicanos durante a luta, não sendo em nenhum caso permitido a instauração de processo algum contra estes nem ainda para reivindicação de interesses privados. *Tendo emitido minha opinião, resta-me repetir-vos que a paz é absolutamente necessária, que os meios de prosseguir na guerra se escasseiam, o espírito público está contra qualquer idéia que tende a prolongar seus sofrimentos, classificando de guerra caprichosa a continuação da atual; uma conciliação é sempre preferível aos azares de uma derrota; a história antiga e a moderna nos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar.* (O grifo é do autor.)

Compenetrai-vos desta verdade e evitai quanto puderdes os funestos sucessos que vão aparecer se prevalecerem as bravatas contra os conselhos

da sã razão; lembrai-vos que muitos que os propalam vos abandonarão no momento do perigo.

Eu pretendo esperar aqui vossa ulterior resolução, e só depois dela poderei mover-me quando minha saúde permita. E portador o tenente José Narciso Antunes por quem espero uma resposta categórica destes negocios.

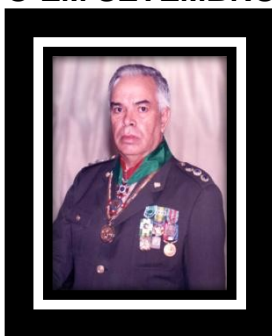
Deus vos guarde. — Estância do Velho Neto, 22 de fevereiro de 1845.

*Bento Gonçalves da Silva*

Ao cidadão David Canabarro, General-em-Chefe do Exército.

\*\* Transcrito de Spalding. **Epopéia Farrroupilha**. Rio, Bibliex, 1963.

### **CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM SETEMBRO DE 2023**



#### **Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista**

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e de Cacilda Moreira Bento. Turma Asp Mega Curso da Arma de Engenharia da Academia Militar Agulhas Negras em Resende –RJ 1955. Ingressou no Exército como Soldado em fevereiro de 195º Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 da qual é Professor Emérito Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 150 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Seu antepenultimo livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi

o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982 onde criou o Museu Marechal Juarez Ravora.. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas além de diversas condecorações e distinções hoje expostas na Academia Canguçuense de História que fundou e presidi. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Em 1969 a convite do Exército dos EUA com a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e com sua Turma de formandos visitou por cerca de 30 dias as principais instalações do Exército dos EUA, inclusive no Canal do Panamá Este ano completara 92 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Aos 92 anos continua ativo e produzindo e publicando seus livros. Em função de sua carreira militar já residiu em Pelotas, Porto Alegre, Resende, São Leopoldo e Bento Gonçalves-RS, Rio de Janeiro, Recife, Brasília, São Paulo. Resende –RJ, Itajubá-MG, Rio de Janeiro, Itatiaia–RJ, e Resende onde reside atualmente; Possui os cursos de Relações Públicas e Organização e Métodos pelo DASP em 1967 e 1968 e, o de Analista A. de Alto Nível pela extinta Escola de Informações da Presidência da República em 1975, Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). O autor fundou a Academia Piratiniense de História e nela ocupou a Cadeira General Bento Gonçalves da Silva.



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)

#### **Camila segundo o Cel Bento:**

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE-POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer,

não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”